

LAÇOS E ILAÇÕES

Sempre me intrigam os vínculos misteriosos que interligariam fatos aparentemente desconexos, como se regidos por uma lei que nos escapasse à compreensão.

O decorrer dos dias nos apresenta *laços invisíveis* — chamemos assim, à falta de uma designação mais apropriada.

Já se disse — sem demérito algum — que a ciência lida com verdades provisórias. A física clássica de Newton concebia o universo de modo ordenado, e mesmo Einstein buscou durante sua vida toda a explicação ou a resposta definitiva. Hoje, uma forte corrente sustenta ou trabalha com a hipótese de que não haveria tal explicação, já que o universo seria caótico e assimétrico, e muito do que existe hoje, incluindo o próprio ser humano, resultaria de acasos ou mesmo desvios erráticos.

Será mesmo?

Que verdades científicas virão a seguir? A ciência só aceita fatos que possam ser testados e corroborados por evidências, mas tais comprovações têm variado e até se contraditado ao longo do tempo e com a evolução tecnológica. Como a existência de Deus não pôde ser testada até agora, não é admitida como verdade científica.

— *O que é a verdade?*, teria indagado ao Cristo Pôncio Pilatos, para em seguida se afastar, sem interesse pela resposta, e depois lavar as mãos, permitir a crucificação daquele nazareno e libertar Barrabás, atendendo à

opinião pública da época, a chamada voz do povo, tida por muitos como a voz de Deus.

Anatole France, um escritor essencial, vencedor do prêmio Nobel de Literatura de 1921, mas que está fora de moda ou dos modismos, no seu livro *L'Étui de nacre* (“O estojo de nácar”, que infelizmente jamais teve uma edição brasileira), nos brinda com um conto tão primoroso quanto instigante, “O procurador da Judeia”.

Trata-se de um fugaz episódio de Pôncio Pilatos já na velhice, vivendo novamente em Roma. Um dia encontra nas colinas romanas um antigo amigo que também estivera na Judeia na mesma época e com o qual costumava conversar, para matar as saudades da terra natal. Recordam-se agora daqueles tempos e de diversas passagens na longínqua região, principalmente as condenações dos judeus presos.

— *Ah, como davam trabalho aquelas condenações!*, rememora Pilatos.

— *E a condenação daquele Jesus de Nazaré, lembra-se?*, pergunta-lhe o amigo. — *Como foi complicada!*

Depois de pensar durante algum tempo, Pilatos responde:

— *Jesus? Jesus de Nazaré? Não, não me lembro, não.*

O que explicaria o fato de Cristo ter nascido, vivido e pregado numa região distante e periférica do mundo de então, a ponto de nem mesmo ser lembrado pelo velho procurador que determinou a sua execução? Por isso também há pouquíssimos e vagos registros históricos da sua existência (terá ele querido que assim fosse?).

Voltaire sustentava que se há o relógio é porque há o relojoeiro que o inventou e fabricou. Mas os relógios batem horas desencontradas, e cada um de nós tem a sua própria hora. Sem dizer que até mesmo os relógios parados estarão certos duas vezes ao dia.

Por isso tudo, melhor mesmo é cantar com o grande Adoniran Barbosa:

“Num relógio
É quatro e vinte
No outro é quatro e meia
É que de um relógio pra outro
As horas vareia.”

Antonio Carlos A. Gama

Promotor de Justiça, aposentado